

# **A Morte e o Mito: As narrativas da imprensa na cobertura jornalística da morte de Ayrton Senna<sup>1</sup>**

**Ronaldo Helal e Graziella Cataldo<sup>2</sup>**

**Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)**

## **Resumo**

O artigo analisa os recursos utilizados pela imprensa na cobertura da morte de Ayrton Senna, ocorrida em 1º de maio de 1994, durante o Grande Prêmio de San Marino, em Ímola, na Itália. Foram analisadas as matérias publicadas no jornal O GLOBO no período de 1º a 6 de maio de 1994, ou seja, do dia da morte até um dia após o funeral. A “construção” da biografia de Senna no noticiário logo após sua morte, mesclou uma quantidade expressiva de matérias sobre o acidente em si e os supostos responsáveis pela morte do piloto, com outras sobre homenagens e realizações de feitos em corridas passadas. O acionamento destas edições e desta memória preparou o terreno para a “construção” definitiva de Senna como um mito. A “construção” foi exitosa porque houve uma sintonia entre o noticiário jornalístico, Ayrton Senna e o contexto social mais amplo.

## **Palavras-chave**

Ídolo; Herói; Imprensa; Memória.

## **Introdução: Mídia, Ídolo e Herói**

Este artigo analisa os recursos utilizados pela imprensa na cobertura jornalística da morte do piloto brasileiro de automobilismo Ayrton Senna, ocorrida em 1º de maio de 1994, durante o Grande Prêmio de San Marino, em Ímola, na Itália. Foram analisadas as matérias publicadas no jornal O GLOBO no período de 1º a 6 de maio de 1994, ou seja, do dia da morte até um dia após o funeral<sup>3</sup>.

A morte de Senna gerou uma grande repercussão no Brasil e em vários países. Ayrton Senna era considerado um herói brasileiro e um ídolo mundial. A distinção entre heróis e ídolos reside no fato de que os heróis necessariamente compartilham seus feitos com a comunidade, enquanto que os ídolos podem viver somente para si. Edgar Morin (1980) e Joseph Campbell (1995) já haviam mostrado esta diferença e Helal (2001) salienta o fato do universo esportivo ser pródigo em produzir heróis devido ao aspecto agonístico que permeia este universo. O “sucesso” de um atleta depende freqüentemente

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 18 – Comunicação e esporte, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Ronaldo Helal é Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisador do CNPq. Endereço eletrônico: rhelal@openlink.com.br  
Graziella Cataldo é mestrande do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Endereço eletrônico: gcataldo@terra.com.br

<sup>3</sup> Utilizamos também, em alguns momentos, o livro *Ayrton Senna - A face do Gênio*, de Christopher Hilton, publicado em 1991. Existem atualmente várias biografias e livros sobre Ayrton Senna. Em uma breve pesquisa, anotamos 17 títulos. A escolha do livro de Hilton deve-se ao fato de ter sido publicado justamente com o piloto ainda em atividade. Ressaltemos que, no momento em que estávamos terminando de escrever este artigo, foram publicados alguns outros livros sobre Senna, sendo que o que teve maior repercussão foi *Ayrton: o herói revelado*, de Ernesto Rodrigues.

do “fracasso” do seu oponente. Além disso, nestas competições, os atletas geralmente representam uma equipe, seja ela local ou nacional<sup>4</sup>, o que, inexoravelmente, faz com que seus feitos sejam repartidos com os torcedores destas agremiações.

Para Hook (1962: 29) “(...) quem quer que seja o herói, ele se destaca de um modo qualitativamente único dos outros homens na esfera de sua atividade e, ainda mais, que o registro das realizações em qualquer setor é a história dos feitos e pensamentos de heróis”. Na idolatria aos heróis contemporâneos é a mídia quem registra estas realizações ao mesmo tempo em que faz de todos nós testemunhas. Mas este registro é elaborado a partir de uma relação dialética entre mídia, o ídolo em questão e o contexto social mais amplo. Foi a partir dos feitos e realizações de Ayrton Senna que a mídia foi “construindo”<sup>5</sup> sua saga ao posto de herói. Senna, como vários ídolos da modernidade, era ao mesmo tempo produto e produtor da mídia. Como suas conquistas eram sempre acompanhadas de uma volta triunfal com a bandeira brasileira e ainda no pódio enrolado com uma bandeira maior, seus triunfos eram partilhados com os brasileiros e a mídia local teve um papel preponderante nesta “construção” de Senna em ídolo e herói nacional<sup>6</sup>.

Senna morreu jovem, aos 34 anos de idade, na glória e “em pleno combate”, o que dá um tom ainda mais dramático ao fato. Além da prematuridade, sua morte aconteceu durante a competição, em um evento midiático sendo transmitido para diversos países. Desta feita, a análise que Jean-Pierre Vernant (2000) faz da morte Aquiles pode nos ser útil aqui. Diz Vernant:

Enfrentar no campo de batalha os adversários mais aguerridos é pôr-se à prova numa competição de coragem, em que cada um tem de mostrar quem é, provar aos outros sua excelência, uma excelência que culmina na façanha guerreira e encontra sua realização na “bela morte”. Assim, em pleno combate, em plena juventude, as forças viris, a bravura, a energia e a graça juvenil intactas jamais conhecerão a decrepitude da velhice (...) Aquiles escolhe a morte na glória, na beleza preservada de uma vida extremamente jovem. Vida encurtada, amputada, encolhida, e glória imorredoura. O nome de Aquiles, suas aventuras, sua história, sua pessoa mantêm-se para sempre vivos na memória dos homens(...). (Vernant, 2000: 97).

A noção da “bela morte” encaixa-se bem no contexto de Senna. Os gregos assim denominavam a morte do guerreiro no auge de sua juventude e em um combate glorioso, após ter superado vários obstáculos. Porém, não estamos dizendo que Senna a escolheu

---

<sup>4</sup> O caso da Fórmula-1 é ainda mais interessante, pois o atleta representa ao mesmo tempo sua escuderia e seu país de origem.

<sup>5</sup> Usamos o termo “construção” sempre com as devidas aspas, justamente para salientar o processo dialético que envolve mídia, ídolo e sociedade.

<sup>6</sup> Certamente estamos no terreno da especulação quando acreditamos que Senna era ídolo no exterior, mas não herói. Na contemporaneidade, onde o hibridismo de identidades é cada vez maior (ver Hall, 2001), acreditamos que muitos se identificam com Senna e até mesmo com sua escuderia e diversos patrocinadores. Mas estamos apostando na idéia de que estas identificações não são suficientes para transformar o ídolo em herói.

deliberadamente, que optou conscientemente pela morte na glória – ainda que tivesse consciência desta possibilidade ocorrer em uma competição de automobilismo<sup>7</sup>-, mas sim que o fato de ter morrido jovem, em plena competição e aos olhares de milhares de pessoas que assistiam a corrida na televisão, tornaram sua história de vida ainda mais gloriosa, mais mítica, mais espetacular do que a que já vinha sendo “construída” no decorrer de sua jornada na Fórmula-1.

O *lead* da matéria “A morte espreita os campeões” (O Globo, 02/05/94, Esportes, 2º clichê, p. 12), faz uma referência aos heróis que convivem a todo o momento com a glória e a morte, sem perceber que a morte em combate torna a narrativa da trajetória de vida do ídolo em questão ainda mais gloriosa.

Os grandes heróis do automobilismo convivem com a glória e com a morte. Antes de Ayrton Senna, o primeiro campeão do mundo de Fórmula-1 a morrer em um acidente na categoria foi o italiano Alberto Ascari, vitorioso nas temporadas de 1952 e 1953. Considerado um piloto bastante preciso, ele morreu em Monza, em 1955, num acidente sem testemunhas.

A morte, nestes casos – e no caso de Aquiles e de outros heróis gregos também - não antagoniza com a glória, mas, pelo contrário, freqüentemente a complementa e a diviniza. Além disso, é interessante observar o destaque no texto para a “morte sem testemunhas”. Em uma sociedade midiaticizada, tornamo-nos todos a um só tempo, testemunhas e parte intrínseca do espetáculo, mesmo quando não estamos presentes, *in loco*, nos autódromos, estádios e arenas esportivas<sup>8</sup>.

Ressaltemos que, na época, o Brasil carecia de grandes ídolos esportivos em atividade. Zico, maior ídolo da história do Flamengo e da geração pós Pelé, havia encerrado sua carreira no Brasil em fevereiro de 1990. A seleção brasileira estava há 24 anos sem conquistar uma Copa do Mundo. Era como se o país estivesse vivendo um vácuo histórico em termos de idolatria a atletas esportivos. As vitórias de Senna eram, assim, os maiores momentos de glória para o esporte brasileiro e tinham sempre uma narrativa midiática, seja ao vivo na televisão ou no dia seguinte nos jornais, extremamente mítica,

---

<sup>7</sup> Nos programas especiais que algumas emissoras de televisão transmitiram por ocasião do aniversário de 10 anos da morte de Senna, foram registradas algumas entrevistas em que ele mencionava os riscos deste esporte e a possibilidade de acidentes fatais. Ver também o noticiário do O Globo do dia 2 de maio de 1994. Destaques para as seguintes frases atribuídas a Senna: “A morte faz parte da minha vida. Sempre fez” (O Globo, 02/05/1994, Esportes, p. 7); “Tenho medo de morrer e mais da dor. Mas aprendi a conviver com ele. O medo me fascina” (O Globo, 02/05/1994, Esportes, p.2).

<sup>8</sup> Observemos que o escritor João Ubaldo Ribeiro, em artigo publicado na página 15, do Caderno de Esportes, do O Globo de 2 de maio de 1994, também compara Senna ao mito Aquiles. Ressaltemos, no entanto, que o fato de associar suas conquistas às dos brasileiros difere, em certo sentido, Senna de Aquiles, que lutava mais pela imortalidade de seu nome do que pela glória da comunidade como um todo. Talvez uma comparação com Heitor, o herói troiano de *A Ilíada* de Homero, também se adequasse aqui, já que morre em combate, no auge da juventude, após realizar várias façanhas em batalhas memoráveis, mas todas com a consciência de que defendia seus conterrâneos, sua terra natal.

própria do absolutismo de Senna no cenário esportivo nacional<sup>9</sup>. Sua morte, em plena competição, assistida por milhares pela televisão, ganhou contornos altamente dramáticos e metafóricos e transcendeu o fato esportivo em si, passando a falar da sociedade brasileira como um todo, seus sonhos, derrotas e frustrações. Seu funeral foi singular na história do país, comparável a mortes como a de Getúlio Vargas e de Tancredo Neves.

## **2- A “construção” da morte do herói**

É nítida a diferença das manifestações sociais decorrentes da morte de personalidades e dos cidadãos anônimos, principalmente por colocar em evidência alguns dramas e contradições, que exigem tratamento particular e soluções simbólicas especiais. A morte de uma personalidade é celebrada e produz significados para a sociedade mais ampla. Ela transcende a comoção familiar, a esfera privada, e torna-se de domínio público, tal qual foi a narrativa produzida pelos meios de comunicação da personalidade em vida. Em uma análise sobre a morte de celebridades, Rodrigues (1992: 56) diz que “seria muito ingênuo supor que a desigualdade dos homens diante da vida não se traduzisse em desigualdade diante da morte”.

A divulgação feita pela imprensa é vista como fator de grande importância para as manifestações sociais. O material jornalístico tem se transformado, desde algumas décadas, em fonte privilegiada de registros históricos. Várias dissertações de mestrado e teses de doutorado no campo das ciências sociais e humanas – incluindo aí a comunicação - têm se utilizado destes registros para a análise e compreensão de determinados assuntos. A cobertura jornalística sobre a morte de Senna chama a atenção dentre os fatos recentes da história do país. Durante 5 dias (do dia 2 ao dia 6) o espaço dedicado ao assunto nos principais jornais do país foi bastante expressivo. O jornalista Paulo Scarduelli, em *Ayrton Senna: herói da mídia*, realizou um trabalho interessante de documentação de material jornalístico sobre a morte de Senna em 6 jornais do país entre os dias 2 e 6 de maio de 1994: Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo, Jornal do Brasil, O Povo (Ceará) e Diário Catarinense. Segundo Scarduelli (1995:23). Foram contabilizados, no período, 924 textos, 826 fotos e 67 ilustrações sobre o assunto. No caso do jornal O Globo, onde recai nosso foco de análise, contabiliza-se 297 textos e 180 fotos. Somando-se o número de páginas publicadas pelo O Globo, verifica-se que 22% destinavam-se a Ayrton Senna.

---

<sup>9</sup> É relevante observar que o ato de empunhar a bandeira após as vitórias começou justamente um dia após a seleção brasileira de futebol ter sido eliminada da Copa do Mundo no México, em 1986, quando Senna venceu o GP de Detroit (O Globo, 01/05/2004, Especial, p.3). Destaquemos também o fato de que a seleção brasileira que conquistou a Copa do Mundo de 1994, dois meses após a morte de Senna, dedicou o título ao piloto.

Alguns podem considerar estes números como um exagero da mídia. Evitamos emitir julgamento de valor. Mas partimos do princípio que se a cobertura teve êxito, com os leitores “consumindo” as notícias, é porque ela, de alguma forma, atendia aos seus anseios.

No dia 2 de maio, a manchete da primeira página do jornal O Globo (quase toda dedicada ao assunto<sup>10</sup>) estampava: “Batida a 200 km/h mata o maior ídolo do país”.<sup>11</sup> Logo embaixo, duas fotos: uma do rosto de Senna, com a legenda “A última imagem de Senna vivo, antes do GP de Ímola”; e outra do piloto sendo atendido no chão do autódromo, com a legenda: “deitado no chão do autódromo, Senna recebe o atendimento médico e é submetido a uma traqueostomia, ao lado do Williams, primeiro e último carro que pilotou na F-1”. A manchete no meio desta página dizia: “Brasil perde Senna”. O texto começa assim: “As manhãs de domingo vão ficar mais tristes. Morreu ontem, aos 34 anos, Ayrton Senna da Silva, o maior ídolo do povo brasileiro”. A junção do ídolo com a nação fica evidente aqui (“Brasil perde Senna”), bem como seu lugar, na época, como o “maior ídolo do povo brasileiro”. O registro da “última imagem de Senna vivo” contrastando com a do socorro ao corpo “deitado no chão do autódromo” atesta a mortalidade física do herói. Uma outra chamada da primeira página ressalta que “Prost e Piquet choram a morte de adversário”. É como se a morte o reconciliasse com seus adversários na vida. Adversários fundamentais para a glória de Senna, devido ao caráter agonístico do esporte, já mencionado anteriormente. O texto diz que Prost, que estava comentando a corrida em uma TV francesa, “desatou a chorar” ao ser informado da morte de Senna. Não estamos suspeitando da veracidade da informação, mas sim chamando a atenção para o destaque dado a ela. Nesta “construção” midiática começa-se a elaborar o luto pela morte do ídolo. O destaque dado ao choro de um de seus maiores adversários, também ídolo, cumpre a função de consolar os fãs, aproximando-os de seres idolatrados. De uma forma geral, podemos dizer que a cobertura jornalística da imprensa sobre a morte de Ayrton Senna, tal qual os jogos fúnebres que se realizavam na Grécia Antiga após a morte de bravos guerreiros, cumpriu a função de colocar o herói na fronteira entre o espaço humano e o divino<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> No pé da página havia uma chamada para o empate entre Vasco e Flamengo, mas com uma foto da torcida do Flamengo onde se destaca uma faixa com os dizeres “Força Senna”.

<sup>11</sup> A matéria apresenta uma contradição com a manchete, posto que no texto está escrito que Senna “saiu da pista a quase 300 km/h e bateu no muro de proteção”.

<sup>12</sup> Para uma explicação mais detalhada sobre os jogos fúnebres na Grécia Antiga, com uma leitura introdutória sobre a *Ilíada* de Homero, ver Stephanides (2000). Ver também Vernant (2001).

Rodrigues (1992: 59), diz que um dos primeiros fenômenos observados ao anúncio de uma morte de personalidade ou de um ídolo é a recusa a crer neste fato, posto que estes seres não são, em princípio, concebidos como mortais. É comum pensar que se trata de boatos, exigindo-se a confirmação da notícia. Muitas pessoas comparecem ao local onde está o corpo para ver com os próprios olhos enquanto outras vão aos locais onde possam obter informações. No caso de Ayrton Senna, que morreu na Itália, a imprensa noticiou que os fãs se reuniram em frente ao edifício onde morava a família do piloto e outro grupo procurou a sede da Torcida Ayrton Senna (TAS), em São Paulo: “Na casa da família, vigília dos fãs” e “Histeria e multidão na sede do fã-clubes do piloto” (O Globo, 02/05/1994, Esportes, p.8). Dois depoimentos registrados nestas matérias merecem destaque:

“-Com a morte do Senna, acaba tudo, até aquele último restinho de orgulho que a gente tinha de ser brasileiro – dizia aos prantos o porteiro de um condomínio vizinho, Edinaldo João Bezerra dos Santos”.

“-Ele era uma pessoa maravilhosa. Isso não podia ter acontecido, eu não estou acreditando até agora. Senna era empresário e não precisava mais se arriscar assim – disse Jaíra, depois de reanimada”.

No primeiro depoimento a brasilidade de Senna aparece como o “único restinho de orgulho de ser brasileiro”, comprovando que suas vitórias eram também a de todos os brasileiros, característica intrínseca ao universo esportivo, como dissemos anteriormente. No segundo depoimento, a idéia de que “ele não precisava mais se arriscar assim”, pois já tinha alcançado êxito financeiro, torna o mito ainda mais especial, já que competia pelo amor ao esporte e não por uma questão profissional<sup>13</sup>. Em ambos os casos, os depoimentos registrados aproximam o cidadão comum do ídolo, destacando dois anônimos da massa indistinta de fãs, além de tornar nítida uma tensão característica da modernidade: a que existe entre a massificação e o desejo de se singularizar<sup>14</sup>.

Heróis são frequentemente tidos como imortais, desta feita, a imprensa destacou, por exemplo, que a própria namorada de Senna na época, a modelo Adriane Galisteu pensava assim, como mostra o título de sua entrevista no caderno de esportes do jornal O Globo: “Para mim ele era intocável. Sempre se saía bem dos acidentes” (03/05/94, p. 28). Devido a esta “aura de imortalidade”, a morte não é inicialmente convincente e é preciso afirmá-la e explicá-la. Além das manchetes e das fotos da primeira página do O Globo do

---

<sup>13</sup> Atitude que é reforçada, ainda nesta mesma edição, com o destaque de uma frase atribuída a Senna: “pilotar é minha paixão. Eu carrego isso no sangue” (O Globo, 02/05/1994, Esportes, p.12).

<sup>14</sup> Para um trabalho detalhado sobre a condição da fama e do indivíduo na modernidade ver Coelho (1999).

dia 2 de maio de 1994, outras matérias são destacadas para afirmar a morte como, por exemplo, “Coração de Senna Parou de Bater às 13h:40m” (O Globo, 02/05/1994, Esportes, p. 2) onde são descritos todos os detalhes do que aconteceu desde o acidente até o anúncio da morte. Para explicar a morte de quem era visto como “imortal” são instaurados inquéritos policiais, investigações jurídicas e, por parte da mídia, apurações jornalísticas que se utilizam de depoimentos de amigos, empregados, vizinhos etc, que tiveram ou poderiam ter tido contato com o morto próximo do ocorrido. Conforme sentença Rodrigues (1992: 60): “Acusa-se, pois toda morte dessas ‘superpessoas’ é potencialmente um assassinato”. Basta observar as manchetes: “Batida a 200 km/h mata o maior ídolo do país” (1ª página do Jornal O Globo, 02/05/94). “Uma pista com histórias trágicas” (O Globo, 02/05/94, Esportes, p. 4). “Lauda afirma que houve falha mecânica” (O Globo, 02/05/94, Esportes, p. 7). “Prost, o rival, chora e culpa Foca e FIA” (O Globo, 02/05/94, Esportes, p. 11). “Nas pistas, o fim de muitas promessas” (O Globo, 02/05/94, Esportes, p. 13). “Polícia italiana suspeita de falha e decide investigar morte de Senna” (manchete da primeira página do O Globo de 3 de maio de 1994). “Ímola e Williams estão sob suspeita” e “Piquet acredita em falha mecânica” (O Globo, 03/05/94, Esportes, 2º clichê, p. 38). “FIA esconde morte de Senna na pista” (manchete de primeira página do jornal O Globo de 4 de maio de 1994.)

### **3 – Vilões e Heróis: os responsáveis pela morte e as virtudes do mito**

Interessante observar as críticas feitas aos dirigentes esportivos. A visão negativa dos que dirigem os esportes parece ser uma constante, não sendo uma particularidade exclusiva do Brasil. Em outra ocasião Helal (2000) observou que críticas a dirigentes esportivos não são exclusividades brasileiras, ocorrendo também nos Estados Unidos. Esta observação é importante no sentido de ficarmos atentos para o fato de que não é novidade o destaque dado pela imprensa a estas questões. Elas estão impregnadas no imaginário esportivo, produzindo paradoxos entre profissionalismo e amadorismo. O caso da Fórmula-1 é ainda mais emblemático, pois se trata de um esporte intrinsecamente atrelado à tecnologia e à comercialização. Poderíamos mesmo dizer que este é o esporte comercial por excelência. Mas as matérias romantizam a relação dos pilotos com suas atividades e depreciam a visão comercial dos dirigentes.

De fato, com a morte de Senna, várias matérias colocavam em evidência a crítica à comercialização do esporte e à postura dos dirigentes esportivos. Questões como a “ganância da Fórmula-1”, a falta de segurança nas pistas e a culpa dos dirigentes foram

destacadas no noticiário<sup>15</sup>. “Ayrton Senna é a 69ª vítima da F-1” (O Globo, 02/05/94, Esportes, p. 13). “Emerson critica a ditadura da F-1” (O Globo, 02/05/94, Esportes, 2º clichê, p. 27). “Irmão de Senna critica a ganância no circo da F-1. Leonardo confirma que soube da morte por Bernie” (O Globo, 05/05/94, Esportes, 2º clichê, p. 34). “Família de Senna poderá processar FIA pela morte” (O Globo, 06/05/94, Esportes, 2º clichê, p. 29). A imprensa mostra o fato do irmão de Senna, Leonardo, ter mandado um recado para Bernie Ecclestone, presidente da Associação dos Construtores da Fórmula-1 (Foca) e vice-presidente da Federação Internacional de Automobilismo (FIA), dizendo que sua presença não era bem-vinda no velório e nem no enterro de Ayrton, como diz o título da matéria: “Família de Senna manda recado e Ecclestone não vai às cerimônias”. (O Globo, 06/05/94, Esportes, p. 28). Ou seja, no esporte onde o profissionalismo e o comércio são mais do que evidentes, produzem-se narrativas que ressaltam o paradoxo entre paixão e razão, visões “excessivamente comercial” dos dirigentes, e “imagem romantizada” dos atletas, que competiriam mais por “amor ao esporte” do que por dinheiro<sup>16</sup>.

Ainda para Rodrigues (1992: 60) estas mortes ganham uma dimensão necessariamente dramática simplesmente para “localizar afetivamente e simbolicamente o que não encontra lugar no espaço da razão fria”. Um dos primeiros recursos utilizados na “dramatização” midiática em torno da morte de Senna é o registro de elogios, principalmente por parte daqueles que também são ídolos, heróis, mitos ou celebridades. “Prost e Piquet choram a morte do adversário” (1º página do Jornal O Globo, 02/05/94). Como dissemos anteriormente, esta notícia é ainda mais emblemática, pois ambos eram adversários de Senna, tendo protagonizado algumas desavenças e brigas em anos anteriores. Os registros das dores de dois tradicionais adversários ressaltam uma outra característica intrínseca ao universo esportivo, qual seja, a competição pelo amor à competição. Fazem parte do esporte os conflitos entre rivais. Diferente da vida cotidiana, onde se busca eliminar o conflito, no esporte ele é parte fundamental do espetáculo<sup>17</sup>. Outras manchetes vão dando o tom do drama do noticiário em busca de situar afetivamente a morte do ídolo. “Barrichelo diz que o ‘circo’ da F-1 nunca mais será o mesmo”(O Globo, 02/05/94, Esportes, 2º clichê, p.9). “Um tricampeão na garra e no braço” (O Globo, 02/05/94, Esportes, p.17). “Ricupero exalta qualidade em Senna” (O Globo, 03/05/94,

---

<sup>15</sup> Notemos que em uma análise do material jornalístico logo após a final da Copa do Mundo de 1998, Helal (1998) observou que a derrota da seleção brasileira de futebol na final contra a França trouxe à tona questões relacionadas a mercantilização do futebol.

<sup>16</sup> Nestas narrativas dá-se a entender que a paixão e profissionalismo são atitudes irremediavelmente antagônicas.

<sup>17</sup> Para uma análise mais detalhada das características intrínsecas ao universo esportivo, ver Helal (1990).



Esportes, p.30). “Prost, emocionado, diz que deve parte de seu sucesso ao rival brasileiro” (O Globo, 03/05/94, Esportes, p.31)<sup>18</sup>. “O maior campeão da F-1 perde seu sucessor. Fangio tinha carinho especial pelo brasileiro”(O Globo, 03/05/94, Esportes, 2º clichê, p.33). “Morte de Senna deixa toda uma geração órfã do ídolo” (O Globo, 03/05/94, Esportes, 2º clichê, p.34). “Fitipladi, Pelé e Zico lamentam morte do ídolo” (O Globo, 03/05/94, Esportes, p.35). “Morte de Senna provoca um vazio social: foi-se o herói” (O Globo, 03/05/94, Esportes, 2º clichê, p.36).

Os elogios vindos de parte dos que foram ou ainda são ídolos e celebridades ajudam na elaboração da morte física e na “construção” da memória daquele que será “eterno”. Vernant (2001: 412), em uma análise da “bela morte de Aquiles”, diz que o “homem de coragem obtém pela morte heróica um estatuto especial: mortalidade e imortalidade, em vez de se oporem, associam-se em sua pessoa e se interpenetram”. Trata-se da glória imperecível, da saudade ou do luto imortal<sup>19</sup>. Na mesma análise, Vernant (Ibid.: 407) diz ainda que em uma “sociedade de confronto na qual, para ser reconhecido, é preciso derrotar os rivais em uma competição incessante pela glória, cada indivíduo está colocado sob o olhar do outro, cada indivíduo existe por este olhar. Ele é o que os outros vêem dele”. Os esportes modernos se encaixam perfeitamente na análise de Vernant. A glória de Senna legitima-se e deve-se muito a forma como seus adversários o viam e o noticiário logo após sua morte trouxe à tona o olhar de seus principais rivais bem como de outros heróis e celebridades do mundo esportivo, das artes e da política.

Tão relevante quanto estes registros, são os do noticiário da morte de Senna, no exterior. As manifestações ocorridas em outros países aparecem em destaque. “A dor que se espalhou pelo mundo” (O Globo, 03/05/94, Esportes, 2º clichê, p.32). “Admiradores de Itália, Inglaterra e Alemanha dão adeus ao tricampeão”, “Europa chora por Senna” e “Japão considerava Senna herói nacional” (O Globo, 03/05/94, Esportes, 2º clichê, p.33). “Nos EUA, Senna é comparado ao lendário Jim Clark” (O Globo, 03/05/94, Esportes, 2º clichê, p.32). Todos estes registros contribuem para que os brasileiros se sintam orgulhosos

---

<sup>18</sup> De fato, Alain Prost apareceu com frequência no noticiário. Sua presença no funeral foi amplamente destacada. E no suplemento especial, comemorativo da morte de Senna, publicado pelo O Globo em 1 de maio de 2004, destaca-se, na página 6, uma matéria intitulada “Saudades do Maior Rival”, com foto de 1988 dos dois pilotos se abraçando no pódio e, no texto, várias recordações da época em que eram rivais.

<sup>19</sup> A manchete da primeira página do suplemento especial, comemorativo da morte de Senna, publicado pelo O Globo em 1 de maio de 2004, diz o seguinte: “A Saudade que Nem o Tempo Ultrapassa”. O noticiário sempre enfatizou que uma das características mais marcantes de Senna no automobilismo eram as ultrapassagens arrojadas. Mas, segundo a manchete, estamos agora diante de um sentimento que nem o tempo é capaz de ultrapassar. O sofista Górgias, citado por Vernant (Ibid:412) diz o seguinte sobre a ‘bela morte’ de heróis: “(...) embora estejam mortos, a saudade deles não morreu com eles; mas imortal, embora residindo em corpos que não são imortais, esta saudade não deixa de viver para aqueles que não estão mais vivos”.

de pertencer à nação, posto que demonstram que países ditos do primeiro mundo renderam-se ao talento de Senna e também pranteiam sua morte.

É comum também, se elogiar e exaltar características desses heróis que seriam criticadas no caso de um simples mortal. Ayrton Senna era considerado agressivo, contestador, do tipo que não leva desaforo para casa. Observemos o título da matéria: “Uma carreira levada a socos e pontapés. Senna também fez uma coleção de desafetos”. (O Globo, 02/05/94, Esportes, p.17). No entanto, como no decorrer de sua carreira, estas características, porventura “negativas”, são sempre amenizadas com os títulos conquistados e, até muitas vezes, transformadas em características positivas<sup>20</sup>. O título da matéria publicada antes de Senna morrer, dizia “Ayrton, o primeiro a falar, se cala” (O Globo, 01/05/94, Esportes, p.58) e mostra um Senna que, considerado contestador, aparece deprimido e emocionado com a morte do piloto austríaco Ratzemberger, preferindo se calar e não se pronunciar à imprensa. Sem intenção, este fato tornou sua morte ainda mais emblemática, misturando elementos místicos e psicológicos.

Uma outra singularidade destacada na biografia de Senna é a religião<sup>21</sup>. A forte ligação do piloto com Deus o torna ainda mais singular, dando-lhe muitas vezes um caráter místico. Após sua morte, a imprensa não deixa de explorar o lado espiritual de Senna como pode ser comprovado nas matérias: “O destino nas mãos de Deus” (O Globo, Esportes, 02/05/94, p.20). “Missionária revela o encontro de Senna com Deus” (O Globo, 06/05/94, Esportes, 2º clichê, p.30). A primeira matéria destaca que Senna acreditava que tinha “se tornado imune graças à proteção divina”. A segunda destaca uma fala da missionária Neusa Itioka, membro do Serviço de Evangelização para a América Latina, afirmando que Senna “realmente teve um encontro com Deus na sala da casa dos pais, na Cantareira, numa noite de abril de 1988”.

Outro recurso utilizado pela mídia é o registro de atividades filantrópicas realizadas pelos famosos, o que contribui ainda mais para o caráter heróico do ídolo em questão, já que marca definitivamente a divisão de sua glória (mesmo que material) com os membros da comunidade. Não é que estas atividades não sejam verdadeiras, mas chamamos a atenção para o destaque dado a elas, o que contribui ainda mais para a identificação dos fãs com o ídolo. “Piloto doou US\$ 100 mil para construir hospital infantil” (O Globo, 03/05/94, Esportes, p.31.). “Índios vivem com ajuda do campeão” (O Globo, 04/05/94,

---

<sup>20</sup> Em uma análise sobre a trajetória de Romário na Copa do Mundo de 1994, Helal (2003) observou os mesmos recursos utilizados pela imprensa na “construção” de Romário como o herói da conquista da Copa do Mundo de 1994.

<sup>21</sup> Para uma análise mais detalhada desta faceta de Senna, ver Hilton (1991).

Esportes, p.29). E ainda, de forma emblemática, “Senna ajudou menino a sair de coma” (O Globo, 05/05/1994, Esportes, p.38). Diz o texto da matéria:

Ayrton Senna morreu deixando vários segredos de sua vida pessoal. Um deles estava a poucos metros da fatídica curva Tamburello (...) No hospital de Ímola vive Massimo, 20 anos, paraplégico e fã do piloto brasileiro. Pudera, foi Senna quem conseguiu tirar o garoto de um profundo estado de coma em 1990. Massimo, então com 16 anos, sofreu um acidente de moto, em Ímola, e entrou em coma (...) o jornalista italiano Ezio Zermiani pediu a Senna que gravasse uma mensagem para Massimo: ‘Olá, Massimo, sou Ayrton Senna. Tente me ouvir, você deve reagir, levantar, fazer força porque aqui todo mundo gosta de você (...) espero que você fique bom logo. Tchau, um abraço’ – dizia Senna na fita. A mãe de Massimo colocava a fita todos os dias. Até que o garoto abriu os olhos e sorriu. Senna pediu segredo à família. Mas todo ano, arranjava alguns minutos para visitar Massimo, que vive no hospital. Pretendia fazê-lo na noite de domingo, mas depois da corrida, sobrou apenas a fita com a mensagem gravada do tricampeão mundial.

Brandão (1993: 41) diz que uma das características do herói é estar ligado a Iátrica (arte de curar). A “cura” proporcionada por Senna é destacada a sua revelia, após sua morte. Ressaltemos, no entanto, que o fato só foi destacado porque o menino se recuperou. Caso ele não tivesse se recuperado, o noticiário provavelmente não faria o registro. Este fato é interessante no sentido de estarmos atentos que a mídia, no caso o Jornal O Globo, não “inventa” fatos, mas os dimensiona ou os relega a um plano secundário dependendo da situação, bem como, outras vezes, os omite. Estamos diante de uma “edição”, que é exitosa porque soa plausível e vai ao encontro dos anseios da sociedade<sup>22</sup>.

#### **4 – A morte encenada: homenagens para eternizar o mito e a “seleção” de “feitos memoráveis”**

Encontramos também uma grande cobertura das homenagens oficiais prestadas a Senna. “Presidente decreta luto por três dias” (O Globo, 02/05/94, Esportes, 2º clichê, p.8). “Av. Alvorada, na Barra, ganha o nome do tricampeão”, “Nacional fará última homenagem a Senna” (O Globo, 03/05/94, Esportes, 2º clichê, p.28). “Senna será enterrado com honras de chefe de Estado”, “Nos céus, a homenagem da Aeronáutica” (O Globo, 03/05/94, Esportes, p.30). “Na Tamburello, flores e orações” (O Globo, 03/05/94, Esportes, 2º clichê, p.38). “Circo da F-1 chega para homenagear o tricampeão”, “Piloto vira nome de kartódromo” (O Globo, 04/05/94, Esportes, p.29). “Menem chorou com homenagem a Senna” (O Globo, 04/05/94, Esportes, p.31). “Senna vira nome de rua em Portugal” (O Globo, 06/05/94, Esportes, 2º clichê, p.29). Toda a encenação da morte de Senna parece

---

<sup>22</sup> Notemos, no entanto, que esta matéria saiu no canto da página e não rendeu outras matérias nos dias posteriores. Mas o registro, por si só, dá a Senna atributos míticos, que o destacam de um ser ordinário. Helal (1998) em uma análise do filme “Herói por Acidente” analisa um assunto semelhante.

reconduzi-lo ao “mundo dos vivos”. O caráter público de sua morte, bem como as diversas homenagens que o transformam em uma instituição, funcionam como uma estratégia de imortalizá-lo, de tornar eterno seu nome.

Essas manifestações públicas de autoridades, personalidades, artistas, políticos e intelectuais conhecidos são de grande importância para a imprensa que acompanha minuciosamente quem fez homenagens, participou do velório, do enterro, de missas, envia mensagens à família etc. “Frank Williams vem ao Brasil para o enterro” (O Globo, 04/05/94, Esportes, 2º clichê, p.33). “O último adeus dos patrões. Frank Williams e Ron Dennis: silêncio sobre o acidente” (O Globo, 05/05/94, Esportes, p.38). “Maguila diz no velório: ‘Esse esporte é violento’” e “Emocionado, preparador quase desmaia” (O Globo, 05/05/94, Esportes, 2º clichê, p.39). “Prost faz sua homenagem a Senna. Francês diz que jamais voltará a sentar num F-1” (O Globo, 06/05/94, Esportes, 2º clichê, p.27). “No enterro, o silencioso duelo de louras. Família dá mais atenções a Xuxa do que a Adriane” (O Globo, 06/05/94, Esportes, 2º clichê, p.30). Notemos que nos títulos acima temos, além do registro de várias homenagens prestadas por pessoas famosas do mundo esportivo, uma ponta de intriga no registro dado à atenção diferenciada que a família deu a Xuxa, ex-namorada, e a Adriane Galisteu. De certa forma, este tipo de registro apenas dá continuidade ao caráter fáustico relatado frequentemente por celebridades, qual seja, que o preço da fama é a perda da privacidade<sup>23</sup>.

Ainda em relação às homenagens, concordamos, mais uma vez, com Rodrigues (1992: 63) quando salienta que, nestas ocasiões, “requer-se que toda a corte compareça às cerimônias fúnebres (...) Ausentar-se dessas circunstâncias é falta grave, que certamente não passará despercebida”.

Em outra ocasião, Helal (1998: 141) observou que nestas biografias geralmente enfatiza-se um certo abandono ou alguma perda ou dificuldade séria na infância. Mais uma vez, ressaltamos que o fato da mídia enfocá-las com intensidade nos fala de uma “necessidade” na construção da narrativa da saga do herói, que contribui efetivamente para o processo de identificação dos fãs, dos seguidores, com o ídolo. No caso de Ayrton Senna, sua história é diferente, pois foi seu pai quem sempre o incentivou e o patrocinou no início de sua carreira, conforme coloca (Hilton, 1991: 13):

Desde criança, o único gosto que provou foi o da vitória. Seu pai patrocinou-o porque estava no negócio de autopeças (...). Devo dizer que, em todas as pistas

---

<sup>23</sup> Coelho e Helal (1996) remetem a este tema em artigo que analisa as biografias do lendário jogador de beisebol americano, Babe Ruth, e da cantora de rock, Tina Turner.

brasileiras em que Ayrton esteve, ele quebrou todos os recordes. Até agora esses recordes não foram batidos.

Neste aspecto, a história de Ayrton Senna difere da maioria dos outros ídolos, já não teve perda na infância, pois vinha de uma família rica. Seu pai era dono de uma fábrica de autopeças, com cerca de 750 funcionários e proprietário também de mais de dez fazendas. No entanto, a busca incessante por ultrapassar obstáculos aparentemente intransponíveis é uma faceta recorrente na saga dos heróis clássicos. Senna tinha uma grande obsessão pela vitória e queria sempre ultrapassar limites. Após sua morte, os jornais exaltam essa característica do piloto. “O caçador de recordes”, “Um fenômeno com 44 vitórias em 3 anos”, “De 85 a 93, 41 vitórias mundo afora” (O Globo, 02/05/94, Esportes, 2º clichê, p.16). E algumas de suas frases destacadas no topo das páginas do caderno de esportes do O Globo do dia 2 de maio de 1994 confirmam sua obsessão pela vitória: “Ganhar é como uma droga. Não encontro razão para me satisfazer com segundo ou terceiro lugar” (O Globo, 02/05/1994, Esportes, p. 21). “Canalizo todas as energias para ser o melhor do mundo” (O Globo, 02/05/1994, Esportes, p.6). “Se depender de mim, esgotarei os adjetivos do dicionário” (O Globo, 02/05/1994, Esportes, 2º clichê, p. 3). E, de forma ainda mais emblemática, uma frase do tradicional rival, Alain Prost, também destacada no topo de uma das páginas: “Ayrton tem um problema: ele pensa que pode se matar porque acredita em Deus. Isso é perigoso” (O Globo, 02/05/1994, Esportes, p.15).

Segundo Campbell (1993: 131), o herói ao vencer “realizou alguma façanha além do nível normal de realizações. É alguém que deu a própria vida por algo maior do que ele mesmo”. A “construção” da biografia de Senna no noticiário logo após a sua morte, mesclou uma quantidade expressiva de matérias sobre o acidente em si, sobre os supostos responsáveis pela morte do piloto, com várias outras sobre homenagens e realizações dos feitos em corridas passadas. O acionamento destas edições e desta memória naquele momento consola os fãs, une o país e prepara o terreno para a “construção” definitiva de Senna como um mito, uma narrativa de um indivíduo que “realizou alguma façanha além do nível normal de realizações” e ainda de “alguém que deu a própria vida por algo maior do que ele mesmo”.

## **5 – A despedida dos notáveis: a fama eterna**

O expressivo destaque dado ao velório de Senna dá a dimensão do sentimento que permeou o país na ocasião. Havia uma mistura de frustração pelo fato de estarmos diante de um projeto interrompido – a conquista do tetracampeonato mundial – com o desejo de

imortalizar o herói. Símbolos nacionais como bandeiras, hinos estiveram o tempo todo presente nessa cerimônia. O caixão de Senna estava coberto com a bandeira do Brasil e servia para apoiar o seu capacete que lhe acompanhou em tantas vitórias. Toda a encenação midiática buscava conduzir o morto ao “mundo dos vivos”, conferindo peremptoriamente o caráter público desta morte<sup>24</sup>.

Do ponto de vista sociológico, Rodrigues (1992) faz uma análise da morte como festa onde os cantos presentes nos funerais apresentam características como excesso, exaltação prodigalizada em gritos e gestos veementes, rixas, violência espontânea. “Compreende-se a ambigüidade e a ambivalência dos sentimentos, que oscilam entre a alegria e a tristeza, entre festa e funeral: é porque, de certa forma, estes seres ‘imortais’ são feitos para morrer”. (Rodrigues,1992: 72).

Senna continua vivo na memória. Ao completar 10 anos de sua morte, a imprensa produziu uma série de matérias como forma de atualizar e reatualizar a memória. Estas matérias, por si só, poderiam ser objetos de análise. Mas optamos em concentrar nossa análise no material jornalístico do período logo após a morte do piloto. Nosso objetivo foi, em última instância, analisar os recursos acionados pela cobertura do jornal O Globo na “construção” da figura pública de Ayrton Senna, como herói brasileiro. Deixamos claro, uma vez mais, que o êxito desta “construção” deve-se a sintonia entre o noticiário jornalístico, Ayrton Senna e o contexto social mais amplo.

### **Referências bibliográficas**

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega, Vol. III* – Petrópolis: Vozes, 1993.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix, 1995.

CAMPBELL, Joseph e MOYERS, Bill. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1993.

COELHO, Maria Claudia. *A Experiência da Fama: individualismo e comunicação de massa*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

COELHO, Maria Claudia e HELAL, Ronaldo. “A Indústria Cultural e as Biografias de Estrelas – as histórias de Babe Ruth e Tina Turner”. In *Cadernos Pedagógicos e Culturais*, v.4, n.2. Niterói: Fundação Brasileira de Educação, 1996.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HELAL, Ronaldo. “Idolatria e Malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário”. *INTERCOM: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo: INTERCOM, v. XXVI, n.2, p. 24-39, jul./dez. 2003.

---

<sup>24</sup> Para uma análise sobre a construção do biográfico de celebridades, ver o trabalho de Rondelli e Herschman (2003).

\_\_\_\_\_. “Campo dos Sonhos: esporte e identidade nacional”. In: ARNT, Hérés e HELAL, Ronaldo (orgs). *A Sociedade na Tela do Cinema: imagem e comunicação*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2002.

\_\_\_\_\_. “Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói”. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antônio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

\_\_\_\_\_. “As idealizações de sucesso no imaginário brasileiro: um estudo de caso”. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antônio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

\_\_\_\_\_. “Cultura e Idolatria: Ilusão, Consumo e Fantasia”. In: ROCHA, Everardo (org.). *Cultura e Imaginário*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Que é Sociologia do Esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HILTON, Christopher. *Ayrton Senna: a face do gênio*; tradução Ivanir Alves Calado. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.

HOOK, Sidney. *O herói na história*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.

MORIN, Edgar. *As Estrelas de Cinema*. Lisboa: Horizonte, 1980.

RODRIGUES, Ernesto. *Ayrton: o herói revelado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

RODRIGUES, José Carlos. “Quando a morte é festa!” In: RODRIGUES, José Carlos. *Ensaio em antropologia do poder*. Rio de Janeiro: Terra Nova Editora, 1992.

RONDELLI, Elizabeth e HERSCHMANN, Michael. “Os media e a construção do biográfico: a morte em cena”. In: HERSCHMANN, Michael e PEREIRA, Carlos Alberto Pereira. *Mídia, Memória e Celebidades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.

SCARDUELLI, Paulo. *Ayrton Senna: herói da mídia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

STEPHANIDES, Menelaos. *Ilíada: a guerra de Tróia*. São Paulo: Odysseus, 2000.

VERNANT, Jean-Pierre. “A ‘Bela Morte’ de Aquiles” in VERNANT, Jean-Pierre. *Entre Mito e Política*. São Paulo: Edusp, 2001.

\_\_\_\_\_. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

### **Periódico**

Jornal O Globo, no período de 1º a 6 de maio de 1994.